

- a. Nome e instituição de Ensino das/os proponente/s: Rodrigo Leonardo de Sousa Oliveira. Instituto Federal Fluminense.
- b. Identidade étnico racial das/os proponente/s: Preto/Pardo
- c. Gênero das/os proponente/s: Homem cis gênero
- d. Município/Estado onde residem os proponentes/s: Cabo Frio, RJ.
- e. Tema, relevância e justificativa:

Esta comunicação tem por objetivo situar a linha de pesquisa “Sociologia da Violência” como instrumento transversal de ensino na Educação Básica. O nosso objeto a ser analisado é a temática do poder, dos micropoderes, do poder simbólico, da relação entre saber e poder e como as instituições de ensino se enquadram no modelo de poder disciplinar e de controle. As sociedades de modernidade tardia ou pós-modernas se caracterizam pelas transformações nas dinâmicas das tecnologias e das relações de poder. O poder disciplinar, tão bem explicitado por Michel Foucault, foi aprimorado segundo as dinâmicas do capital. Não se trata apenas de vigiar e docilizar corpos. Agora é necessário adestrar e controlar por meio das novas tecnologias. A Inteligência Artificial e os algoritmos delimitaram uma nova forma de domínio sobre o ser humano. Cotidianamente defrontamo-nos pela velocidade e pelo volume das informações que chegam até nós pela internet. As redes sociais é nada mais que um meio de controle que, se não for bem compreendida, pode tornar-se um meio de alienação. A escola é parte integrante deste processo. Esqueçamo-nos destas instituições como espaços democráticos. É necessário resistência. Esta comunicação é o resultado de um projeto ainda em construção sobre o ensino da sociologia da violência como tema transversal no Ensino Médio. Nossos referências teóricos serão os estudos de Max Weber, Michel Foucault, Deleuze, Pierre Bourdieu, Guy Debord e a filosofia de Byung-Chul Han. Nossa proposta é promover estas discussões em sala de aula no decurso do ano letivo por meio de um projeto de extensão que englobará estudantes do ensino médio do Instituto Federal Fluminense e demais discentes da comunidade externa. Formaremos um grupo de discussão cujo norte será o debate reflexivo sobre conceitos e análises de películas que envolvam a referida temática. Esta proposta foi razoavelmente aplicada durante as aulas de História e de fundamentos interdisciplinares em Ciências Humanas no IFF. Na ocasião, separamos algumas horas mensais para debater o tema dos micropoderes, do poder e da violência simbólica, além dos mecanismos de poder disciplinar e de controle. Debates os conceitos de sociedade disciplinar e de controle, o biopoder, a sociedade do espetáculo e a sociedade do cansaço. Tais discussões foram enriquecedoras. Nossos estudantes apresentaram-se como autênticos “desconstrutivistas”. Ao final, concluímos que mesmo que estejamos dominados por estruturas e superestruturas de poder podemos resistir e lutar pelos direitos fundamentais do ser-humano. Não somos obrigados a adoecer compulsivamente e passivamente. Ao final, propomos criar um evento futuro sobre o adoecimento emocional dos estudantes em tempos de controle e espetacularização da vida. Para Weber, o exercício da autoridade depende, dentro de uma gama de condições, de um quadro administrativo e de uma burocracia racional eficaz pautada por métodos de controle capazes de garantir a dominação. A dominação, enquanto um caso especial de poder, é um elemento de legitimidade e obediência supostamente validado pelo corpo social. Norbert Elias viu o Estado Moderno, já pacificado, como elemento de dissuasão, dominação e garantidor da contenção de possíveis barbáries. Michel Foucault vai além ao considerar este mesmo Estado como ferramenta de “docilização dos corpos” e instrumentalização da violência e do “vigiar e punir”, algo que será potencializado pelas sociedades de controle. Podemos entender o poder enquanto relações de forças. Ou

melhor, micropoderes que operam em todos os segmentos sociais, indistintamente e em todos os espaços de relacionamentos sociais e culturais. Devemos entender o poder em sua capilaridade e não algo que derive de um ponto fixo e rígido. A relação entre o poder e o saber é fundamental para compreender o universo dos saberes como algo múltiplo e não encerrado em si mesmo. Existem intencionalidades, relações de força e de poderes envolvidos e imbricados nos mecanismos e nas tecnologias de poder. O poder disciplinar, o biopoder e a sociedade de controle são alimentados e aperfeiçoados pelas tecnologias de poder e pelo avanço dos saberes científicos, seja qual for. Assujeitar e adestrar, eis a norma liberal e que será potencializada nas sociedades “pós-modernas” ou de modernidade tardia. Conhecer, dominar corpos e espaços e a construção de um arquétipo político de dominação eficaz que é capaz de “fazer viver” ou “fazer morrer”. Nesta perspectiva de complementaridade o capital tece as suas suas artimanhas e aprisiona o ser não apenas pela disciplina, mas pelas novas tecnologias, como a Inteligência Artificial. *O serviço de vendas tornou-se o centro ou a “alma” da empresa. Informamo-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores (DELEUZE, 2010, p.228).* O modelo de escola moderna sugere a intervenção disciplinar e de controle segundo os moldes propostos por Foucault e Deleuze. Segundo Lucas de Oliveira Carvalho, A liberalidade para a formação e para a educação da população coincide, portanto, com a necessidade de organizar e ordenar as massas heterogêneas, perigosas e dispersas que passam a compor os grandes centros urbanos. O espaço escolar torna-se o espaço de produção do sujeito aluno dentro de toda sua dinâmica disciplinar de vigilância, controle e hierarquia. É dentro desse espaço, com suas heterogeneidades, muros e limites, que os mecanismos disciplinares formatam nos corpos que por ali passam e fazem funcionar todo um sistema produtivo aumentando ao máximo em sua potência e duração no tempo. É nesse aspecto, que toda essa construção e subdivisão dos espaços, todos esses recortes e segmentações de tempo desarticulam possibilidades de resistência e faz correr, assim, de um lugar ao outro o sujeito dócil e útil. P. 32. O pensamento de Bourdieu preza pelo refinamento teórico ao pensar este mesmo poder em espaços e situações das mais imprevisíveis. Trata-se do poder simbólico, da violência simbólica e da instrumentalização e formas de domínio por meio da linguagem, do status e da violência ocasionada por meios “invisíveis”, como o racismo estrutural e a dominação masculina. Segundo Áurea M. Guimarães, a escola é fruto do poder disciplinar. O modelo de escola da modernidade molda os sujeitos por meio de mecanismos coercitivos. A violência travestida de seu caráter positivo, produz estudantes dóceis e pouco hábeis a resistência. Dialogando com Izabel C. Friche Passos, a disciplina conforma mentes e corpos. Produz sujeitos de acordo com a ordem societária. A vigilância hierárquica se expande e se autorreproduz por meio do poder de controle das novas tecnologias. *Como a escola-edifício deve ser um operador de adestramento. Fora uma máquina pedagógica que Pâris-Duverney concebera na Escola Militar e até nos mínimos detalhes que ele impusera a Gabriel. Adestrar corpos vigorosos, imperativos de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. Quádrupla razão para estabelecer separações estanques entre os indivíduos, mas também aberturas para observação contínua. O próprio edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; os quartos eram repartidos ao longo de um corredor como uma série de pequenas celas; em intervalos regulares[...] (FOUCAULT, 2014, pp. 169- 170).* A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem

afirme: “quanto mais igual, mais fácil de agir”. Toda essa discussão deve ser levada aos estudantes da Educação Básica, especialmente os do Ensino Médio. É urgente e necessário o diálogo entre a academia e a comunidade. Devemos refletir sobre estas considerações e apoiar, inclusive, iniciativas de caráter extensionista para toda a população.

Bibliografia

CARVALHO, Lucas de Oliveira. “Da Sociedade Disciplinar à Sociedade de Controle: Protagonismos e caminhos da Educação diante das mudanças de regimes de poder”. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, UFS, Sergipe, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo (SP): Editora 34 – 3ªed., 2010.

GUIMARÃES, Áurea M. “Novos regimes de ver, ouvir e sentir afetam a vida escolar”. Educação, Santa Maria, v. 35, n. 3, 2010, p. 413-430. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2352> >. Acessado em: 15 de março de 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 42ªed., 2014. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed., 2017